

DESENVOLVIMENTO HUMANO, VULNERABILIDADE E PROSPERIDADE SOCIAL NO RIO GRANDE DO SUL: UMA VISÃO INTER E INTRARREGIONAL POR MEIO DOS COREDES

Gisele da Silva Ferreira¹
Carlos Vinícius da Silva Pinto²

1 INTRODUÇÃO

Diferentemente da perspectiva de desenvolvimento econômico, na qual bem-estar social é medido a partir da realidade econômica de uma sociedade, o conceito de *desenvolvimento humano* é constituído por variáveis que permitam mensurar o índice de satisfação das necessidades básicas e complementares de um grupo de indivíduos. A investigação do desenvolvimento humano, prosperidade e vulnerabilidade social no território gaúcho é o tema de interesse deste estudo, que utilizou como recorte regional para as análises os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal brasileiro (IDHM), publicado em 2013 por Ipea, Fundação João Pinheiro (FJP) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud),³ permite uma análise da realidade socioeconômica municipal por meio destas dimensões: conhecimento, direito a uma vida longa e saudável e padrão de vida digno. Os níveis de desenvolvimento humano variam de 0 a 1, podendo ser: muito baixo (0 a 0,499); baixo (0,5 a 0,599), médio (0,6 a 0,699), alto (0,7 a 0,799) e muito alto (0,8 a 1) (Pnud, 2013).

Mensurar o desenvolvimento humano de uma sociedade sugere compreender diversos fatores que indicam situações de vulnerabilidade e prosperidade desta, ou seja, a vulnerabilidade social é entendida como um reflexo da falta de desenvolvimento humano alcançado por um determinado território. Nesse sentido, o *Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros*, divulgado pelo Ipea em setembro de 2015, permitiu um mapeamento da vulnerabilidade social (VS) para todos os

1. Bacharel em estatística e mestre em economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora em estatística do Núcleo de Desenvolvimento Regional e Centro de Estudos Econômicos e Sociais (NDR/CEES) da Fundação de Economia e Estatística (FEE). *E-mail*: <gisele@fee.tche.br>.

2. Mestre em geografia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e pesquisador do Projeto Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, no Ipea/Brasília. *E-mail*: <carlos.pinto@ipea.gov.br>.

3. A FJP, o Ipea e o Pnud firmaram uma parceria para a publicação de indicadores de desenvolvimento humano para todos os municípios brasileiros que permitem verificar de variados ângulos o desenvolvimento humano nos municípios do país nas últimas décadas com base nas informações dos censos demográficos do IBGE de 1991, 2000 e 2010 (Pnud, 2013).

5.565 municípios brasileiros. Com o objetivo de oferecer uma caracterização da exclusão e VS no país, foi criado o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), a partir da média aritmética de três subíndices: IVS Infraestrutura Urbana, IVS Capital Humano e IVS Renda e Trabalho (Costa e Marguti, 2015).

Os dados foram calculados para os anos de 2000 e 2010 com referência aos resultados dos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e os níveis de vulnerabilidade social variam de 0 a 1, sendo que os municípios que apresentam IVS entre 0 e 0,200 são considerados com muito baixa VS; os valores entre 0,201 e 0,300 indicam baixa VS; os que apresentam IVS entre 0,301 e 0,400 são de média VS; entre 0,401 e 0,500 são considerados de alta VS; e entre 0,501 e 1 indicam que o município possui muito alta VS. Entende-se que estas medidas refletem um “espelho” dos valores apresentados pelo IDHM, ou seja, um determinado município pode apresentar alta vulnerabilidade social e baixo IDHM ou o contrário.

A junção das análises de desenvolvimento humano com as de vulnerabilidade social nos concede uma análise da prosperidade social, que é a ocorrência concomitante de alto desenvolvimento humano com baixa vulnerabilidade social, revelando um local de desenvolvimento humano menos vulnerável e socialmente mais próspero (Costa e Marguti, 2015). Este trabalho se propõe a fazer uma análise mais descritiva da evolução dos indicadores de desenvolvimento humano e vulnerabilidade social nos Coredes no Rio Grande do Sul com um olhar inter e intracoredes. Por este caminho, com o objetivo de analisar a situação nos municípios do Rio Grande do Sul, foram calculadas as médias do IVS e de seus subíndices para os Coredes, ponderadas pela população dos seus respectivos municípios. Tornando-se assim possível ter uma visão intrarregional do Índice de Vulnerabilidade Social no estado.

Este trabalho está dividido em quatro seções além desta introdução e das conclusões. A próxima seção explica brevemente o surgimento e a função dos Coredes. Em seguida, apresentam-se os conceitos e as análises do IVS, IVS Infraestrutura Urbana, IVS Capital Humano e IVS Renda e Trabalho. Após, são apresentados os conceitos e as análises do IDHM, IDHM Longevidade, IDHM Educação e IDHM Renda. Finalmente, na seção 5, apresentam-se o conceito e a análise da evolução da prosperidade social nos Coredes gaúchos.

2 CONSELHOS REGIONAIS DE DESENVOLVIMENTO

A politização do tema de desigualdades regionais no Rio Grande do Sul abriu um espaço para o surgimento dos Coredes, que foram criados com o objetivo de articular atores políticos, econômicos e sociais para sua participação na promoção do desenvolvimento regional, e, embora sua atuação enfrente dificuldades, os

Coredes podem ser considerados uma das mais bem-sucedidas práticas desse gênero no país (Bandeira, 2010). Segundo Amaral (2007, p. 68), esses conselhos “têm como objetivos identificar os obstáculos e priorizar potencialidades para propiciar alternativas para o desenvolvimento das macrorregiões do estado”. Os Coredes não se constituem em uma instância territorial da administração pública, também não foram adotados como referência territorial e de planejamento por muitos órgãos da administração estadual e sua atuação tem sido prejudicada pelas sucessivas descontinuidades da administração estadual, que altera as articulações entre Coredes e governo gaúcho, mas, mesmo enfrentando todos esses impasses, eles conseguem ter uma atuação relevante em favor do desenvolvimento das regiões e redução de desigualdades regionais (Bandeira, 2010). Segundo Jardim (2005, p. 2), os Coredes “crescentemente vêm sendo utilizados como recorte regional em estudos que visam subsidiar a formulação do planejamento estadual”.

Os Conselhos Regionais de Desenvolvimento – inicialmente denominados CRDs, atualmente Coredes – foram criados, a partir de 1991, no Rio Grande do Sul, legalmente instituídos pela Lei Estadual nº 10.283, de 17 de outubro de 1994, e regulamentados pelo Decreto nº 35.764, de 28 de dezembro de 1994, como frutos da junção das ideias de caráter participativo da democracia com a questão da diversidade microrregional gaúcha (Röhrig e Cristófoli, 2014). Diversos estudos técnicos registraram a existência de regionalizações internas no estado ou microrregiões com ritmos desiguais de desenvolvimento, por isso, diante desse cenário, a administração estadual do período 1991-1994 propôs e iniciou a implantação de 21 Coredes (atualmente são 28), respeitando o princípio da contiguidade territorial e as características geográficas, culturais, econômicas e sociais, com a missão de serem “espaço plural e aberto de construção de parcerias sociais e econômicas, em nível regional, por meio da articulação política dos interesses locais e setoriais em torno de estratégias próprias e específicas de desenvolvimento” (Coredes-RS, 2014).

3 O ÍNDICE DE VULNERABILIDADE SOCIAL

O Rio Grande do Sul, em termos gerais, apresenta, juntamente com Santa Catarina, os melhores resultados para o IVS em 2010. O estado apresentou Índice de Vulnerabilidade Social correspondente a 0,234, possuindo um baixo IVS. Enquanto o IVS do estado passou de médio para baixo na década 2000-2010, o país passou da faixa alto para médio IVS no mesmo período. A análise intrarregional observada nos 28 Coredes (tabela 1) aponta a existência de algumas disparidades nos valores do IVS para cada Corede gaúcho.

TABELA 1
Ranking dos Coredes em relação à evolução do IVS nos períodos 2000-2010, 2000 e 2010

Coredes	Ranking diferença IVS (2000-2010)	Ranking IVS 2000	IVS 2000	Ranking IVS 2010	IVS 2010
Vale do Taquari	25	2	Baixo	1	Muito baixo
Serra	28	1	Baixo	2	Muito baixo
Fronteira Noroeste	5	9	Baixo	3	Muito baixo
Paranhana-Encosta da Serra	27	3	Baixo	4	Muito baixo
Hortênsias	26	4	Baixo	5	Muito baixo
Vale do Caí	21	5	Baixo	6	Muito baixo
Noroeste Colonial	9	10	Médio	7	Muito baixo
Alto Jacuí	20	6	Baixo	8	Muito baixo
Produção	18	7	Baixo	9	Baixo
Central	19	8	Baixo	10	Baixo
Norte	7	13	Médio	11	Baixo
Litoral	17	12	Médio	12	Baixo
Vale do Rio Pardo	6	14	Médio	13	Baixo
Missões	2	17	Médio	14	Baixo
Vale do Rio dos Sinos	24	11	Médio	15	Baixo
Jacuí-Centro	11	15	Médio	16	Baixo
Vale do Jaguarí	4	20	Médio	17	Baixo
Nordeste	12	19	Médio	18	Baixo
Fronteira Oeste	13	16	Médio	19	Baixo
Sul	14	21	Médio	20	Baixo
Rio da Várzea	8	24	Médio	21	Baixo
Celeiro	3	26	Médio	22	Baixo
Campanha	16	22	Médio	23	Baixo
Campos de Cima da Serra	23	18	Médio	24	Baixo
Centro-Sul	15	25	Médio	25	Baixo
Metropolitano do Delta do Jacuí	22	23	Médio	26	Baixo
Alto da Serra do Botucaraí	10	27	Médio	27	Baixo
Médio Alto Uruguai	1	28	Alto	28	Baixo

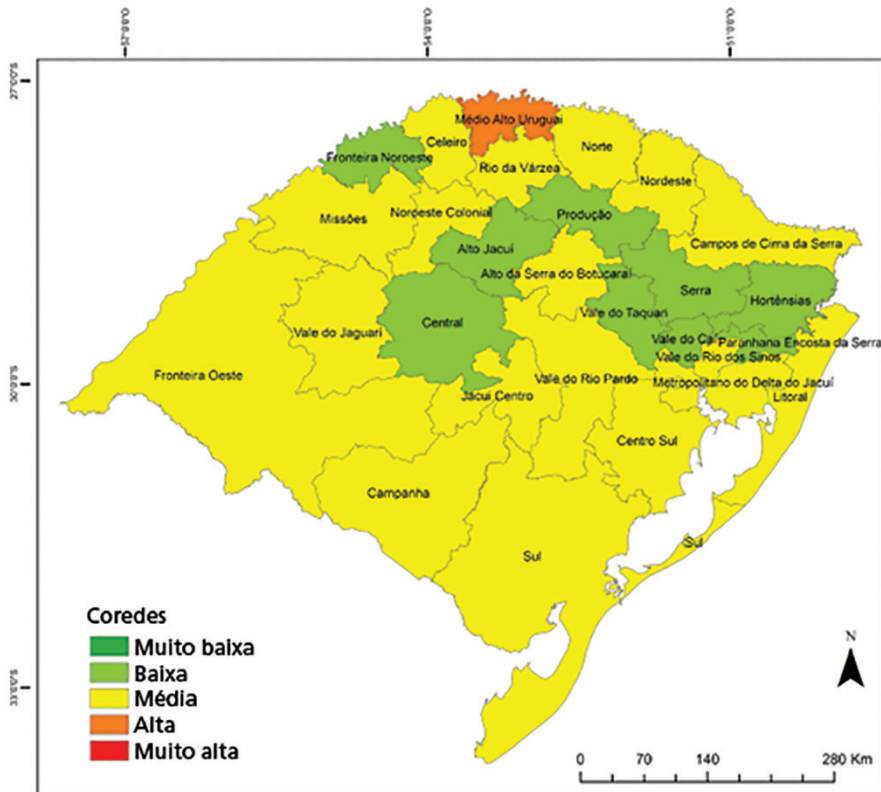
Fonte: Ipea (dados brutos).
 Elaboração dos autores.

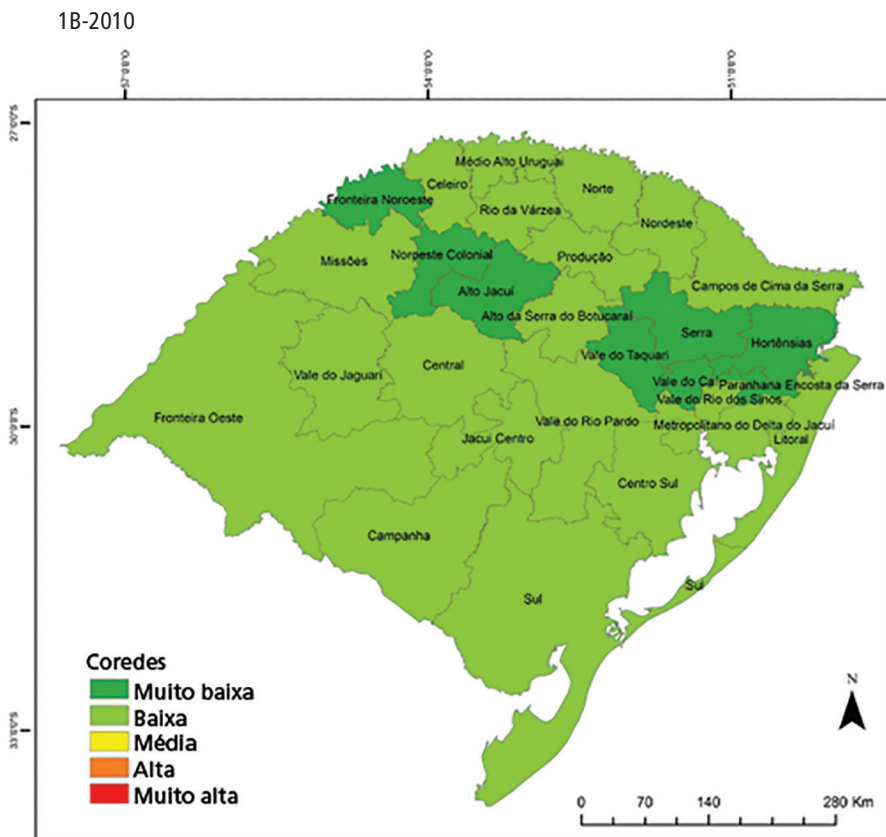
Sendo assim, o IVS procura destacar situações indicativas de exclusão e vulnerabilidade social de maneira a auxiliar gestores públicos na identificação dos locais que apresentam as maiores carências e necessitam de atenção especial (Costa

e Marguti, 2015). Os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, nesta ordem, foram os que apresentaram os melhores IVS em 2000 e em 2010 dentre as 27 Unidades da Federação brasileira. Já Maranhão, Amazonas e Pará, nesta ordem, apresentaram os piores índices nos dois anos.

A faixa centro-norte do território gaúcho concentra os Coredes de muito baixa VS (mapa 1), sendo estes, em ordem dos menores índices (melhores) para os maiores (piores): Vale do Taquari, Serra, Fronteira Noroeste, Paranhana-Encosta da Serra, Hortênsias, Vale do Caí, Noroeste Colonial e Alto Jacuí. Os demais conselhos apresentam baixa VS, sendo estes, seguindo a mesma ordem: Produção, Central, Norte, Litoral, Vale do Rio Pardo, Missões, Vale do Rio dos Sinos, Jacuí-Centro, Vale do Jaguari, Nordeste, Fronteira Oeste, Sul, Rio da Várzea, Celeiro, Campanha, Campos de Cima da Serra, Centro-Sul, Metropolitano do Delta do Jacuí, Alto da Serra do Botucarái e Médio Alto Uruguai.

MAPA 1
IVS nos Coredes do Rio Grande do Sul (2000 e 2010)
1A-2000





Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

O Médio Alto Uruguai era o único Corede que em 2000 apresentava alto IVS (mapa 1), principalmente por apresentar muito alto IVS Renda e Trabalho, e foi o que registrou a maior queda no índice (tabela 1), passando a apresentar um IVS baixo em 2010, mas figurando com o pior resultado no IVS Renda e Trabalho entre os 28 Coredes. Somente os IVS dos Coredes Produção e Central não melhoraram de classe no período 2000-2010, permanecendo na faixa de baixa VS. O Corede Serra possuía o melhor IVS em 2000, mas foi a região que obteve a menor queda no índice e acabou perdendo o posto para o Vale do Taquari.

Os municípios Picada Café, pertencente ao Corede Hortênsias, e Carlos Barbosa e Santa Tereza, ambos do Corede Serra, apresentavam os melhores IVS em 2000. Os municípios Nova Araçá, do Corede Serra, Arroio do Meio e Westfalia, do Corede Vale do Taquari, apresentavam os melhores IVS em 2010.

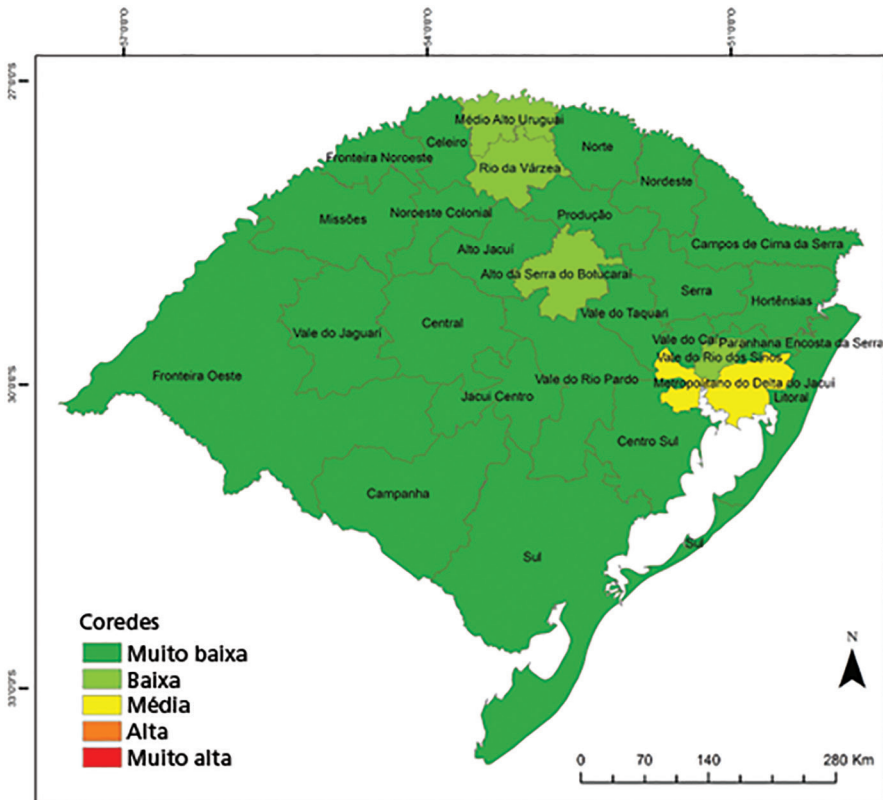
3.1 IVS Infraestrutura Urbana

O IVS Infraestrutura Urbana é calculado a partir de indicadores de abastecimento de água e esgotamento sanitário inadequados, inexistência de coleta de lixo e mobilidade urbana precária (este último com dados apenas de 2010). O Rio Grande do Sul figurou no segundo lugar, atrás apenas de Santa Catarina, no *ranking* dos melhores IVS-Infraestrutura Urbana dentre as 27 Unidades da Federação em 2000 e em 2010, permanecendo na faixa de muito baixo IVS-Infraestrutura Urbana, enquanto o país se classificava em médio IVS Infraestrutura Urbana em 2000, passando para baixo em 2010. Todos os Coredes gaúchos apresentam IVS Infraestrutura Urbana muito baixo, à exceção do Metropolitano do Delta do Jacuí, que se manteve na faixa média em 2000 e 2010 (mapa 2).

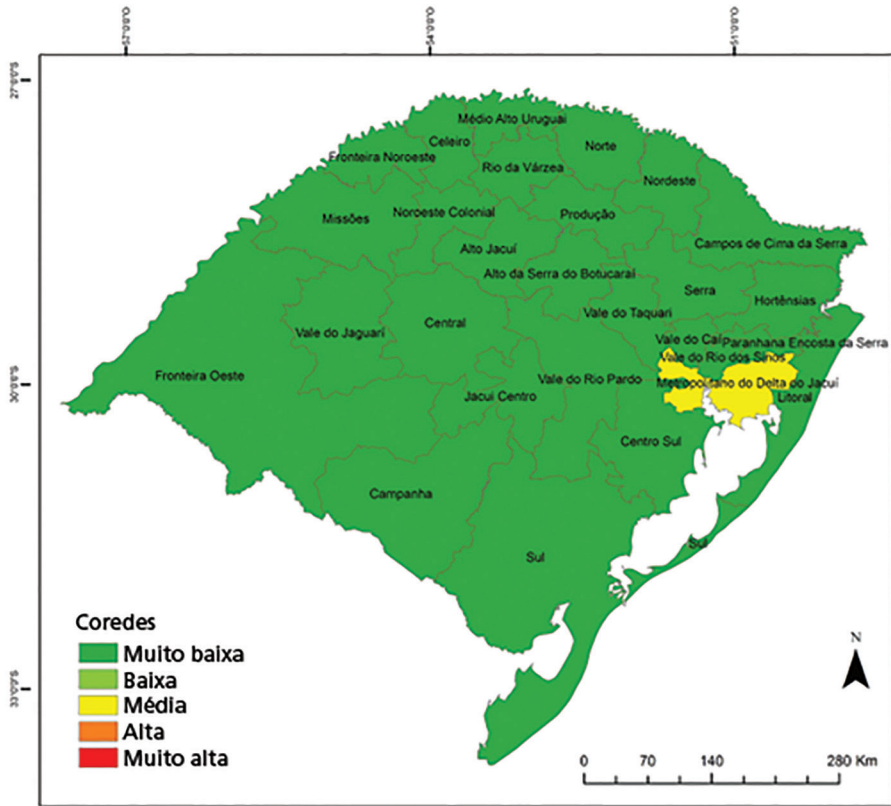
MAPA 2

IVS Infraestrutura Urbana nos Coredes do Rio Grande do Sul (2000 e 2010)

2A-2000



2B-2010



Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

O Corede Médio Alto Uruguai foi o que apresentou a melhora mais significativa no indicador IVS Infraestrutura Urbana no período 2000-2010, seguido dos Coredes Celeiro e Missões, ao mesmo tempo que o Corede Vale do Rio dos Sinos apresentou o menor avanço no mesmo indicador, seguido dos Coredes Serra e Metropolitano (tabela 2). O município de Charrua, pertencente ao Corede Norte, foi o único que se encontrava na faixa muito alta do IVS Infraestrutura Urbana em 2010.

TABELA 2
Ranking dos Coredes em relação à evolução do IVS Infraestrutura nos períodos 2000-2010, 2000 e 2010

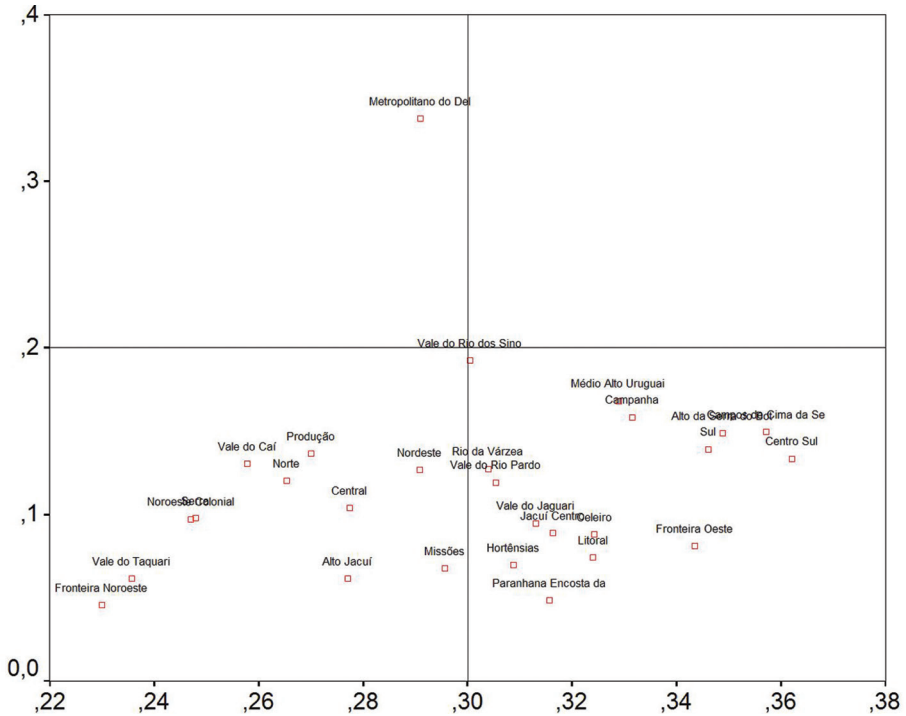
Coredes	Ranking diferença IVS Infraestrutura (2000-2010)	Ranking IVS Infraestrutura 2000	IVS Infraestrutura 2000	Ranking IVS Infraestrutura 2010	IVS Infraestrutura 2010
Fronteira Noroeste	6	6	Muito baixo	1	Muito baixo
Paranhana-Encosta da Serra	23	1	Muito baixo	2	Muito baixo
Vale do Taquari	18	3	Muito baixo	3	Muito baixo
Alto Jacuí	11	7	Muito baixo	4	Muito baixo
Missões	3	13	Muito baixo	5	Muito baixo
Hortênsias	20	4	Muito baixo	6	Muito baixo
Litoral	24	2	Muito baixo	7	Muito baixo
Fronteira Oeste	15	8	Muito baixo	8	Muito baixo
Celeiro	2	20	Muito baixo	9	Muito baixo
Jacuí-Centro	8	10	Muito baixo	10	Muito baixo
Vale do Jaguarí	10	11	Muito baixo	11	Muito baixo
Noroeste Colonial	13	9	Muito baixo	12	Muito baixo
Serra	27	5	Muito baixo	13	Muito baixo
Central	14	12	Muito baixo	14	Muito baixo
Vale do Rio Pardo	9	19	Muito baixo	15	Muito baixo
Norte	12	16	Muito baixo	16	Muito baixo
Nordeste	7	21	Muito baixo	17	Muito baixo
Rio da Várzea	4	25	Baixo	18	Muito baixo
Vale do Caí	16	18	Muito baixo	19	Muito baixo
Centro-Sul	19	15	Muito baixo	20	Muito baixo
Produção	25	14	Muito baixo	21	Muito baixo
Sul	22	17	Muito baixo	22	Muito baixo
Alto da Serra do Botucaraí	5	26	Baixo	23	Muito baixo
Campos de Cima da Serra	17	23	Muito baixo	24	Muito baixo
Campanha	21	22	Muito baixo	25	Muito baixo
Médio Alto Uruguai	1	27	Baixo	26	Muito baixo
Vale do Rio dos Sinos	28	24	Baixo	27	Muito baixo
Metropolitano do Delta do Jacuí	26	28	Médio	28	Médio

Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

Um comparativo dos Coredes em relação ao IVS Infraestrutura Urbana e IVS-Capital Humano simultaneamente pode ser visto no gráfico 1.

GRÁFICO 1

IVS Infraestrutura Urbana e IVS Capital Humano nos Coredes do Rio Grande do Sul (2010)



Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

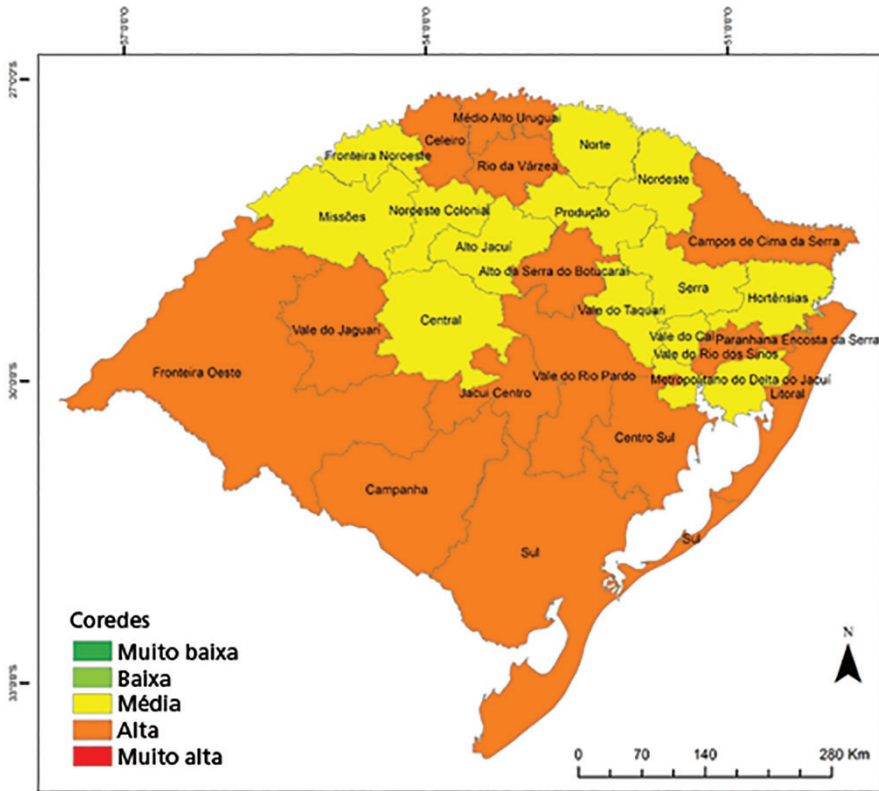
O Corede Metropolitano Delta do Jacuí destaca-se por ser o único Corede que se encontra simultaneamente entre os Coredes de maior vulnerabilidade social e melhor desenvolvimento humano, em consequência de este Corede apresentar o pior IVS Infraestrutura Urbana, devido principalmente à precariedade da mobilidade urbana. Neste Corede, Viamão é o município pior classificado, seguido de Alvorada, vindo logo após Guaíba e, em quarto lugar, Porto Alegre. O melhor classificado neste Corede é Santo Antônio da Patrulha, seguido de Glorinha.

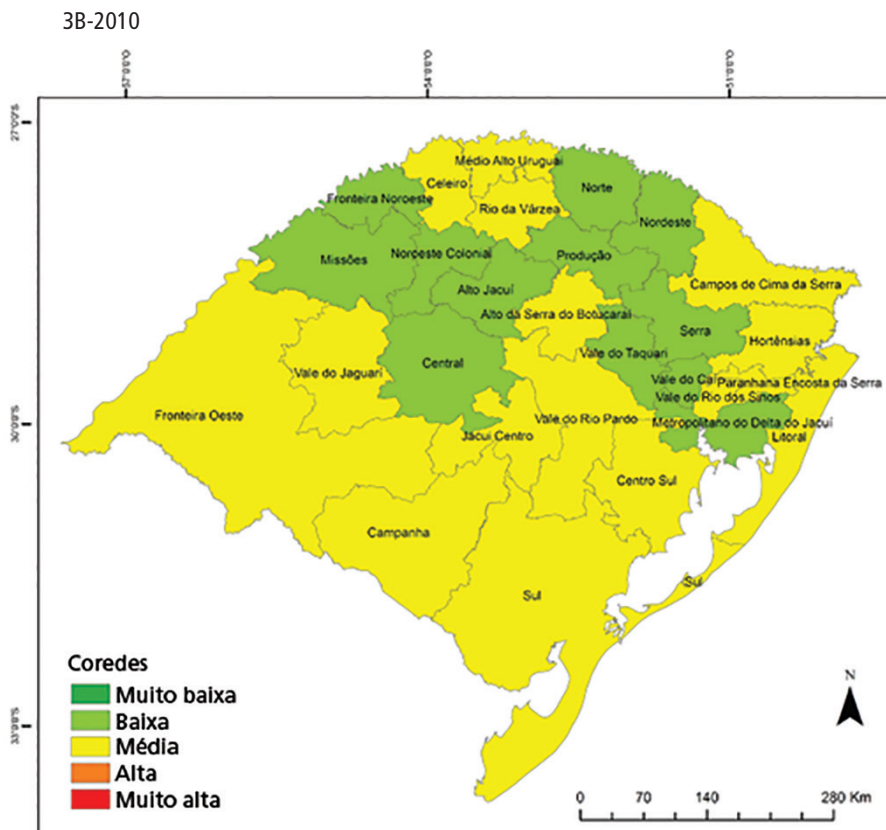
3.2 IVS Capital Humano

O IVS Capital Humano é obtido a partir de indicadores: de mortalidade infantil, de crianças que não frequentam a escola, de adolescentes com filhos, de mães com pouca escolaridade chefes de família, de analfabetismo de jovens e adultos, de baixa escolaridade e de jovens de famílias de baixa renda que não estudam nem trabalham. Enquanto o Brasil se classifica em muito alto IVS Capital Humano, passando para médio em 2010, o Rio Grande do Sul passou de médio para baixo.

O Rio Grande do Sul caiu da 5ª para a 6ª colocação entre os estados com melhores IVS Capital Humano no período 2000-2010, sendo ultrapassado pelo Paraná. Os Coredes caracterizados na faixa de alto IVS Capital Humano em 2000 passaram para médio em 2010 e os caracterizados na faixa médio passaram para baixo, com exceção do Corede Hortênsias, que permaneceu na faixa média nos dois anos (mapa 3).

MAPA 3
IVS Capital Humano nos Coredes do Rio Grande do Sul (2000 e 2010)
3A-2000





Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

O Corede Campos de Cima da Serra apresentou a melhora mais significativa no IVS Capital Humano no período 2000-2010, seguido dos Coredes Vale do Jaguari e Rio da Várzea (tabela 3). Já o Corede com menor evolução no mesmo índice foi o de Serra, seguido do Produção e Celeiro. Apenas o município de Três Arroios, pertencente ao Corede Norte, apresentava muito baixo IVS Capital Humano no ano 2000.

TABELA 3

Ranking dos Coredes em relação à evolução do IVS Capital Humano nos períodos 2000-2010, 2000 e 2010

Coredes	Ranking da diferença do IVS Capital Humano (2000-2010)	Ranking IVS Capital Humano 2000	IVS Capital Humano 2000	Ranking IVS Capital Humano 2010	IVS Capital Humano 2010
Fronteira Noroeste	21	3	Médio	1	Baixo
Vale do Taquari	25	2	Médio	2	Baixo

(Continua)

(Continuação)

Coredes	Ranking da diferença do IVS Capital Humano (2000-2010)	Ranking IVS Capital Humano 2000	IVS Capital Humano 2000	Ranking IVS Capital Humano 2010	IVS Capital Humano 2010
Noroeste Colonial	13	6	Médio	3	Baixo
Serra	28	1	Médio	4	Baixo
Vale do Caí	24	4	Médio	5	Baixo
Norte	10	8	Médio	6	Baixo
Produção	27	5	Médio	7	Baixo
Alto Jacuí	20	7	Médio	8	Baixo
Central	15	9	Médio	9	Baixo
Nordeste	11	11	Médio	10	Baixo
Metropolitano do Delta do Jacuí	14	10	Médio	11	Baixo
Missões	12	12	Médio	12	Baixo
Vale do Rio dos Sinos	7	16	Alto	13	Médio
Rio da Várzea	3	19	Alto	14	Médio
Vale do Rio Pardo	6	18	Alto	15	Médio
Hortênsias	22	13	Médio	16	Médio
Vale do Jaguarí	2	21	Alto	17	Médio
Paranhana-Encosta da Serra	18	17	Alto	18	Médio
Jacuí-Centro	23	14	Alto	19	Médio
Litoral	19	20	Alto	20	Médio
Celeiro	26	15	Alto	21	Médio
Médio Alto Uruguai	5	22	Alto	22	Médio
Campanha	8	23	Alto	23	Médio
Fronteira Oeste	17	24	Alto	24	Médio
Sul	16	25	Alto	25	Médio
Alto da Serra do Botucaraí	9	26	Alto	26	Médio
Campos de Cima da Serra	1	28	Alto	27	Médio
Centro-Sul	4	27	Alto	28	Médio

Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

A relação entre o IVS Capital Humano e o IVS Renda e Trabalho dos Coredes pode ser verificada no gráfico 2, com os destaques a seguir.

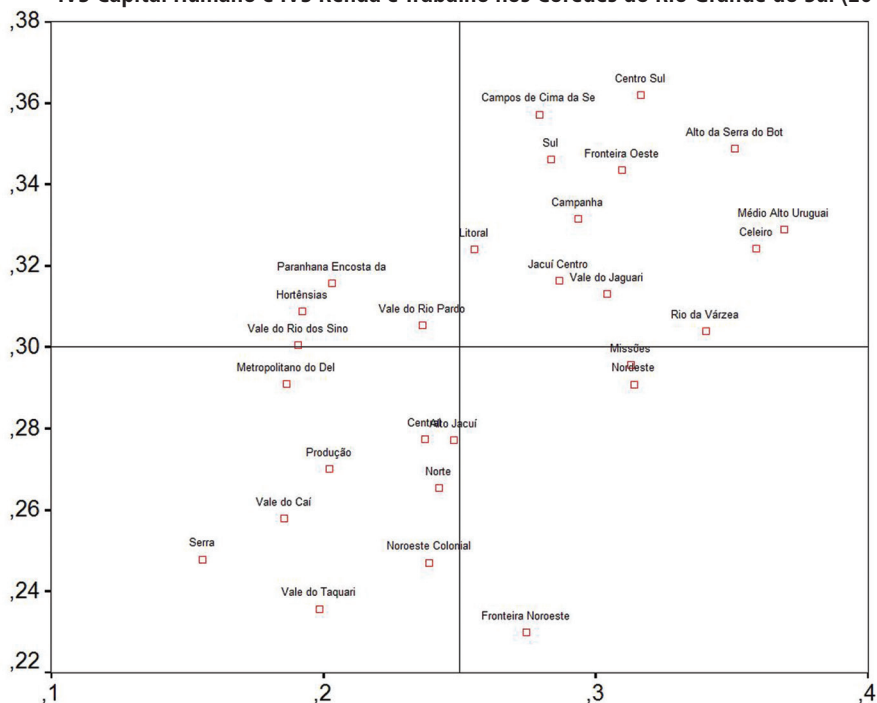
- 1) Corede Campos de Cima da Serra: apresenta alto IVS Capital Humano em relação aos demais.
- 2) Corede Centro-Sul: destaca-se por apresentar o pior IVS Capital Humano. Neste Corede, o município de Dom Feliciano é o pior classificado,

apresentando o terceiro pior IVS Capital Humano dentre todos os municípios do estado.

- 3) Corede Fronteira Noroeste: destaca-se por apresentar o menor IVS Capital Humano.

GRÁFICO 2

IVS Capital Humano e IVS Renda e Trabalho nos Coredes do Rio Grande do Sul (2010)



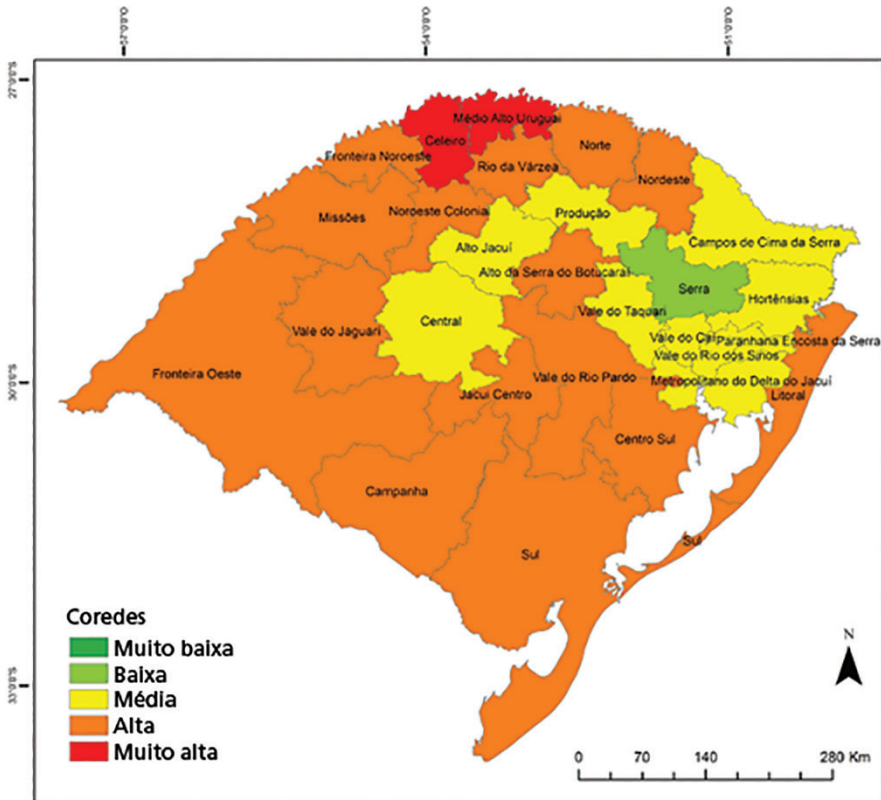
Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

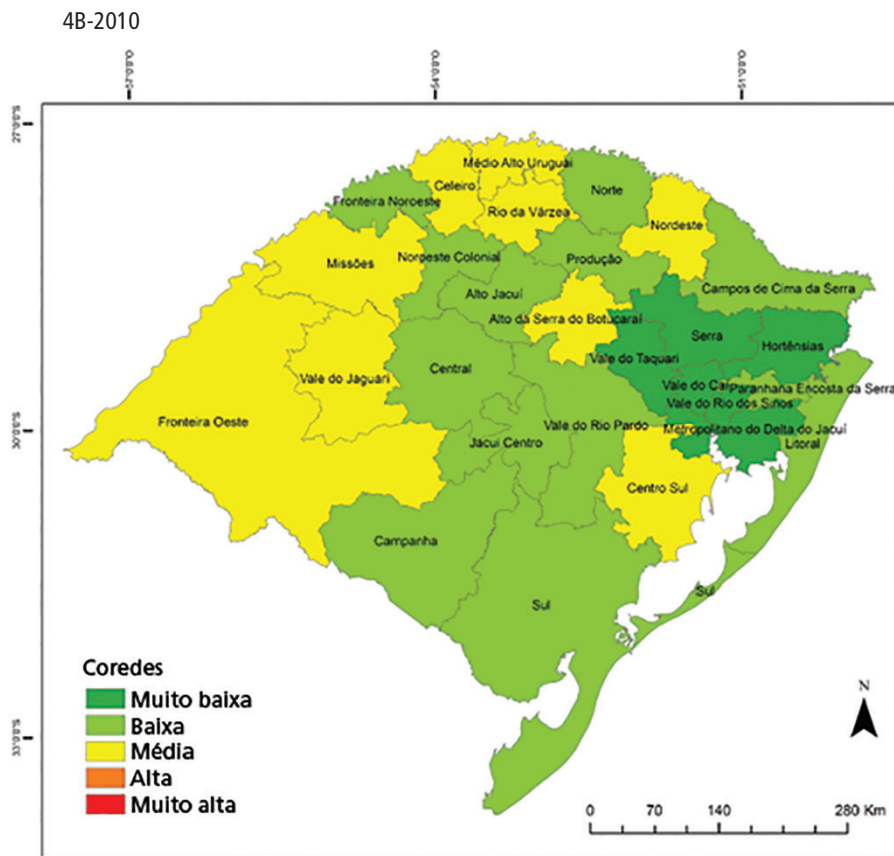
3.3 IVS Renda e Trabalho

O IVS Renda e Trabalho considera em sua composição famílias de baixa renda, desocupação, ocupação informal com baixa escolaridade, pessoas de baixa renda dependentes de idosos e atividade de adolescentes. O Rio Grande do Sul permaneceu na 4ª posição no *ranking* de melhor IVS Renda e Trabalho em 2000 e em 2010 entre as Unidades da Federação brasileira, atrás de Santa Catarina, do Distrito Federal e de São Paulo. O estado classificava-se na faixa de médio IVS Renda e Trabalho em 2000, passando para a faixa baixo em 2010, ao mesmo tempo que o país passou de alto para médio IVS Renda e Trabalho.

O IVS Renda e Trabalho foi o que apresentou a mais positiva evolução no período 2000-2010, com os Coredes passando das classes baixa, média, alta e muito alta para as classes muito baixa, baixa e média. Apenas a Serra Gaúcha apresentava IVS Renda e Trabalho baixo em 2000, passando para muito baixo em 2010. Já os Coredes Celeiro e Médio Alto Uruguai classificavam-se no muito alto, passando para médio em 2010 (mapa 4).

MAPA 4
IVS Renda e Trabalho nos Coredes do Rio Grande do Sul (2000 e 2010)
4A-2000





Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

O Corede que apresentou maior queda no IVS Renda e Trabalho na década 2000-2010 foi o Fronteira Noroeste, seguido do Celeiro e Norte (tabela 4). Já os Coredes com menor melhora foram Campos de Cima da Serra, Paranhana-Encosta da Serra e Serra.

TABELA 4

Ranking dos Coredes em relação à evolução do IVS Renda e Trabalho nos períodos 2000-2010, 2000 e 2010

Coredes	Ranking da diferença IVS Renda e Trabalho (2000-2010)	Ranking IVS Renda e Trabalho 2000	IVS Renda e Trabalho 2000	Ranking IVS Renda e Trabalho 2010	IVS Renda e Trabalho 2010
Serra	26	1	Baixo	1	Muito baixo
Vale do Caí	20	4	Médio	2	Muito baixo
Metropolitano do Delta do Jacuí	18	7	Médio	3	Muito baixo

(Continua)

(Continuação)

Coredes	Ranking da diferença IVS Renda e Trabalho (2000-2010)	Ranking IVS Renda e Trabalho 2000	IVS Renda e Trabalho 2000	Ranking IVS Renda e Trabalho 2010	IVS Renda e Trabalho 2010
Vale do Rio dos Sinos	21	5	Médio	4	Muito baixo
Hortênsias	25	3	Médio	5	Muito baixo
Vale do Taquari	24	6	Médio	6	Muito baixo
Produção	4	11	Médio	7	Baixo
Paranhana-Encosta da Serra	27	2	Médio	8	Baixo
Vale do Rio Pardo	5	13	Alto	9	Baixo
Central	23	8	Médio	10	Baixo
Noroeste Colonial	10	12	Alto	11	Baixo
Norte	3	15	Alto	12	Baixo
Alto Jacuí	22	10	Médio	13	Baixo
Litoral	12	14	Alto	14	Baixo
Fronteira Noroeste	1	20	Alto	15	Baixo
Campos de Cima da Serra	28	9	Médio	16	Baixo
Sul	11	17	Alto	17	Baixo
Jacuí-Centro	8	18	Alto	18	Baixo
Campanha	15	16	Alto	19	Baixo
Vale do Jaguari	6	24	Alto	20	Médio
Fronteira Oeste	13	22	Alto	21	Médio
Missões	7	25	Alto	22	Médio
Nordeste	14	21	Alto	23	Médio
Centro-Sul	16	19	Alto	24	Médio
Rio da Várzea	19	23	Alto	25	Médio
Alto da Serra do Botucaraí	17	26	Alto	26	Médio
Celeiro	2	28	Muito alto	27	Médio
Médio Alto Uruguai	9	27	Muito alto	28	Médio

Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

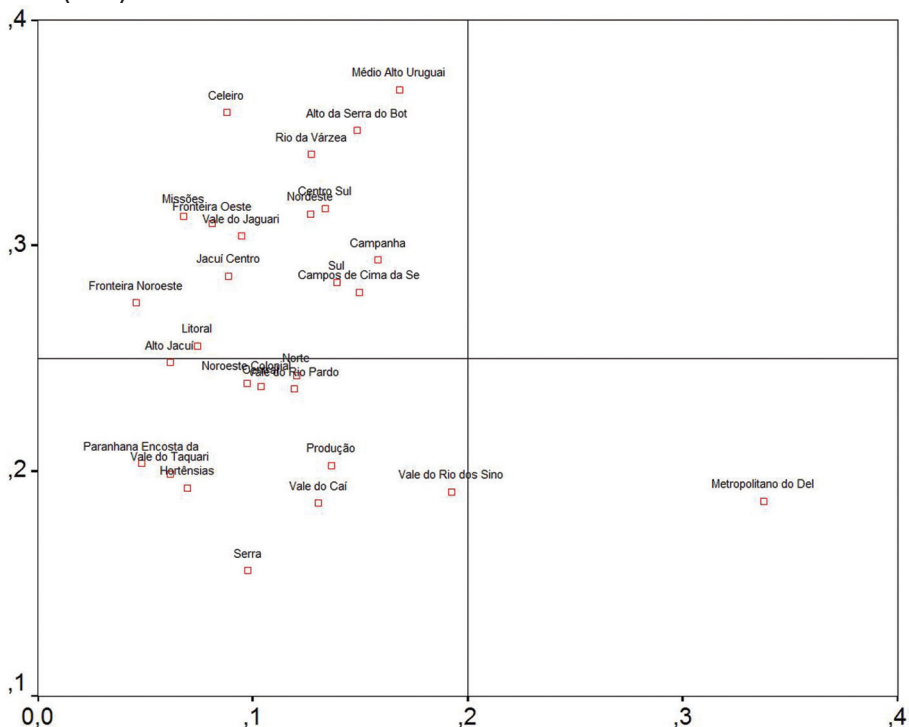
Uma comparação do IVS Renda e Trabalho com o IVS Infraestrutura Urbana dos Coredes pode ser conferida no gráfico 3, com os destaques a seguir.

- 1) Corede Celeiro: apresenta alto IVS Renda e Trabalho em relação aos demais.
- 2) Corede Médio Alto Uruguai: destaca-se por apresentar o pior IVS Renda e Trabalho, em consequência, entre outros fatores, da alta taxa de atividade de pessoas de 10 a 14 anos.

- 3) Corede Serra: destaca-se por apresentar o menor IVS Renda e Trabalho e o maior IDHM.

GRÁFICO 3

IVS Renda e Trabalho e IVS Infraestrutura Urbana nos Coredes do Rio Grande do Sul (2010)



Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

4 O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL

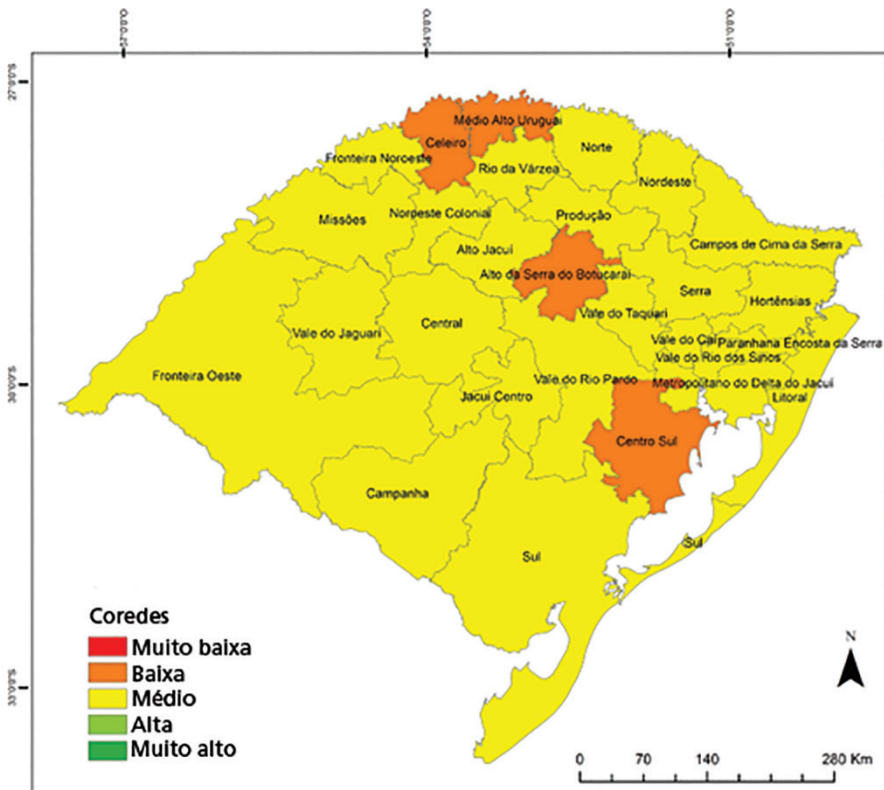
A criação do IDHM teve como referência os estudos do economista paquistanês Mahbub ul Haq, inspirado no pensamento do economista Amartya Sen, e sofreu ajustes para sua adequação às características dos municípios brasileiros e aos dados dos Censos Demográficos do IBGE (Pnud, 2013). A comparação entre os IDHMs brasileiros permite contrastar as desigualdades existentes e compreender melhor como formular estratégias de longo prazo para beneficiar o desenvolvimento humano no país (Pnud, 2013). Tanto o Rio Grande do Sul como o Brasil passaram de médio para alto desenvolvimento humano no período 2000-2010.

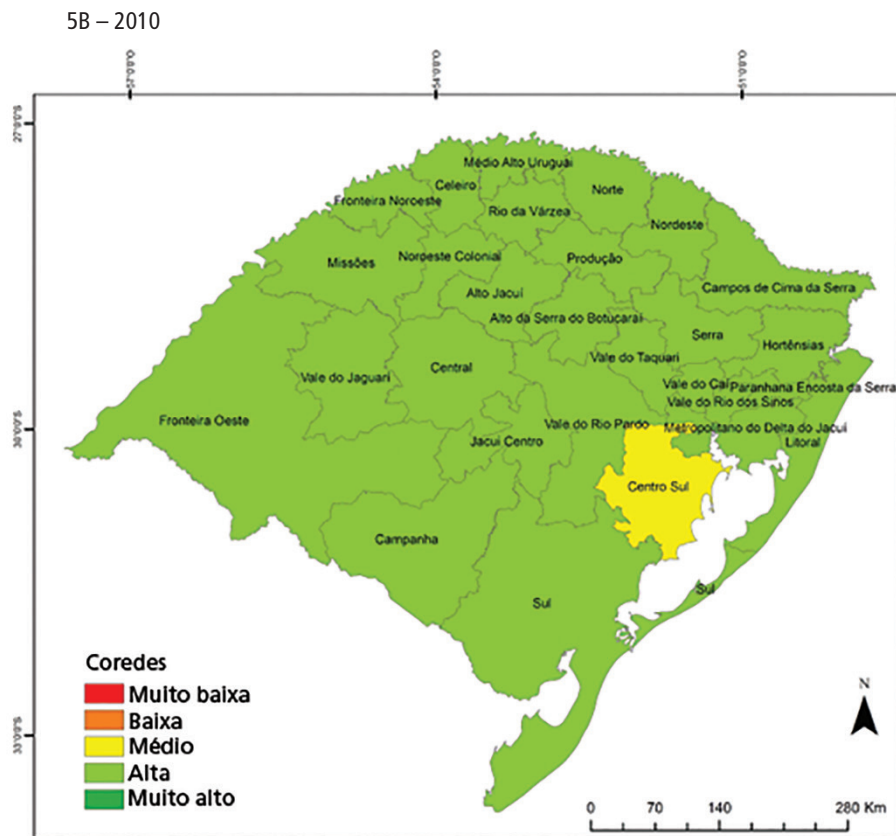
O Rio Grande do Sul caiu da 5ª para a 6ª colocação entre os estados com os melhores índices de desenvolvimento humano no período 2000-2010, sendo

ultrapassado pelo Paraná e tendo ficado atrás do Distrito Federal, de São Paulo, de Santa Catarina e do Rio de Janeiro. No *ranking* dos melhores IDHMs Educação, o Rio Grande do Sul caiu da 6ª para a 8ª colocação, ultrapassado por Espírito Santo e Goiás. Em relação ao IDHM Renda, perdeu a 4ª posição para Santa Catarina. Já em relação ao IDHM Longevidade, perdeu a 3ª posição para São Paulo.

Seguindo a tendência do estado e do país, a totalidade dos Coredes apresentou uma melhora no IDHM no último período intercensitário. O Corede Centro-Sul deslocou-se da faixa de baixo desenvolvimento humano para médio na década 2000-2010 (mapa 5). No mesmo período, os Coredes Médio Alto Uruguai, Celeiro e Alto da Serra do Botucarái passaram da faixa “baixo” para a faixa “alto” (mapa 2). Os demais 24 Coredes classificavam-se na faixa de médio desenvolvimento humano em 2000, passando para alto em 2010.

MAPA 5
IDHM nos Coredes do Rio Grande do Sul (2000 e 2010)
5A – 2000



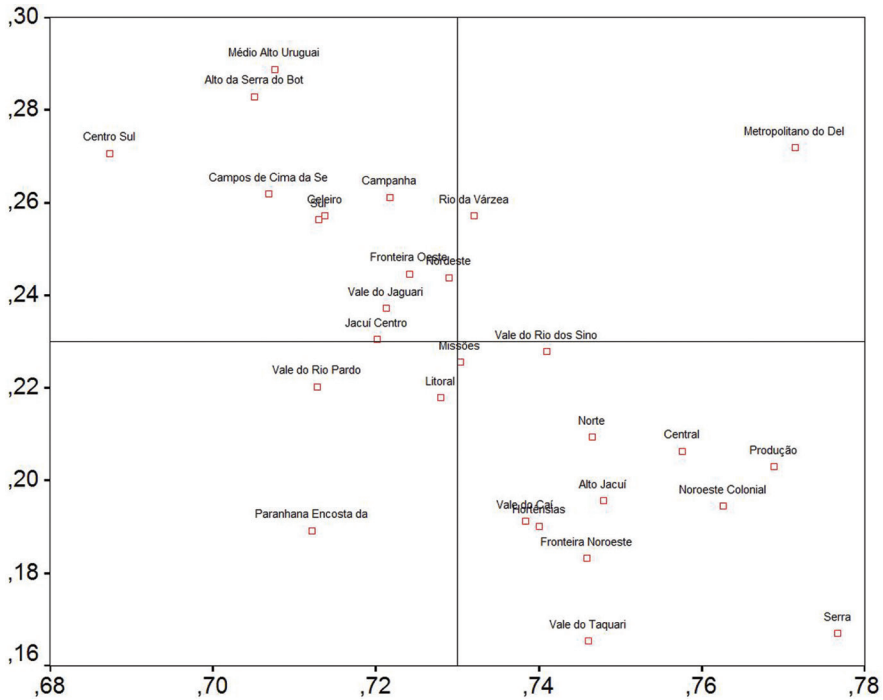


Um breve comparativo dos Coredes em relação ao IVS e ao IDHM simultaneamente pode ser visualizado no gráfico 4, com destaque para os Coredes a seguir.

- 1) Corede Alto da Serra do Botucaraí: juntamente com os Coredes Médio Alto Uruguai e Centro-Sul, forma o grupo que apresenta simultaneamente maior IVS e menor IDHM em comparação com os demais Coredes.
- 2) Corede Alto Jacuí: apresenta baixo IVS e alto IDHM em relação aos demais.
- 3) Corede Campanha: apresenta alto IVS e baixo IDHM em relação aos demais.
- 4) Corede Campos de Cima da Serra: apresenta baixo IDHM em relação aos demais.
- 5) Corede Celeiro: apresenta baixo IDHM em relação aos demais.

- 6) Corede Central: apresenta alto IDHM em relação aos demais.
- 7) Corede Serra: destaca-se por apresentar o maior IDHM.
- 8) Corede Vale do Taquari: destaca-se por apresentar o menor IVS.

GRÁFICO 4
IVS e IDHM nos Coredes do Rio Grande do Sul (2010)



Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

O Corede que apresentou a maior evolução no indicador de desenvolvimento humano na década 2000-2010 foi o Alto da Serra do Botucaraí, que em 2000 se classifica em último lugar e em 2010, em penúltimo, atrás apenas do Corede Centro-Sul (tabela 5). Já o Corede com menor melhora foi o Metropolitano Delta do Jacuí, seguido do Corede Serra.

TABELA 5
Ranking dos Coredes em relação à evolução do IDHM nos períodos 2000-2010, 2000 e 2010

Coredes	Ranking da diferença IDHM (2000-2010)	Ranking IDHM 2000	IDHM 2000	Ranking IDHM 2010	IDHM 2010
Serra	27	1	Médio	1	Alto
Metropolitano do Delta do Jacuí	28	2	Médio	2	Alto
Produção	21	3	Médio	3	Alto
Noroeste Colonial	10	6	Médio	4	Alto
Central	25	4	Médio	5	Alto
Alto Jacuí	26	5	Médio	6	Alto
Norte	7	11	Médio	7	Alto
Vale do Taquari	18	8	Médio	8	Alto
Fronteira Noroeste	15	9	Médio	9	Alto
Vale do Rio dos Sinos	23	7	Médio	10	Alto
Hortênsias	12	12	Médio	11	Alto
Vale do Cai	17	10	Médio	12	Alto
Rio da Várzea	3	22	Médio	13	Alto
Missões	6	18	Médio	14	Alto
Nordeste	8	17	Médio	15	Alto
Litoral	16	15	Médio	16	Alto
Fronteira Oeste	24	13	Médio	17	Alto
Campanha	22	14	Médio	18	Alto
Vale do Jaguari	14	19	Médio	19	Alto
Jacuí-Centro	20	16	Médio	20	Alto
Celeiro	4	25	Baixo	21	Alto
Sul	19	20	Médio	22	Alto
Vale do Rio Pardo	5	23	Médio	23	Alto
Paranhana-Encosta da Serra	13	21	Médio	24	Alto
Médio Alto Uruguai	2	26	Baixo	25	Alto
Campos de Cima da Serra	9	24	Médio	26	Alto
Alto da Serra do Botucaraí	1	28	Baixo	27	Alto
Centro-Sul	11	27	Baixo	28	Médio

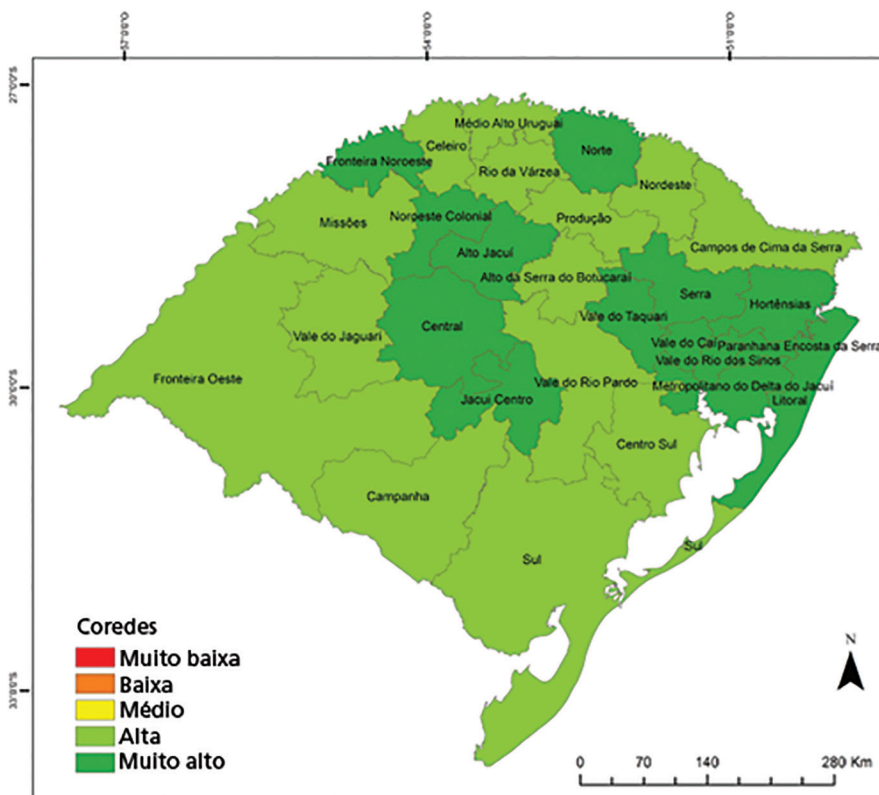
Fonte: Ipea (dados brutos).
 Elaboração dos autores.

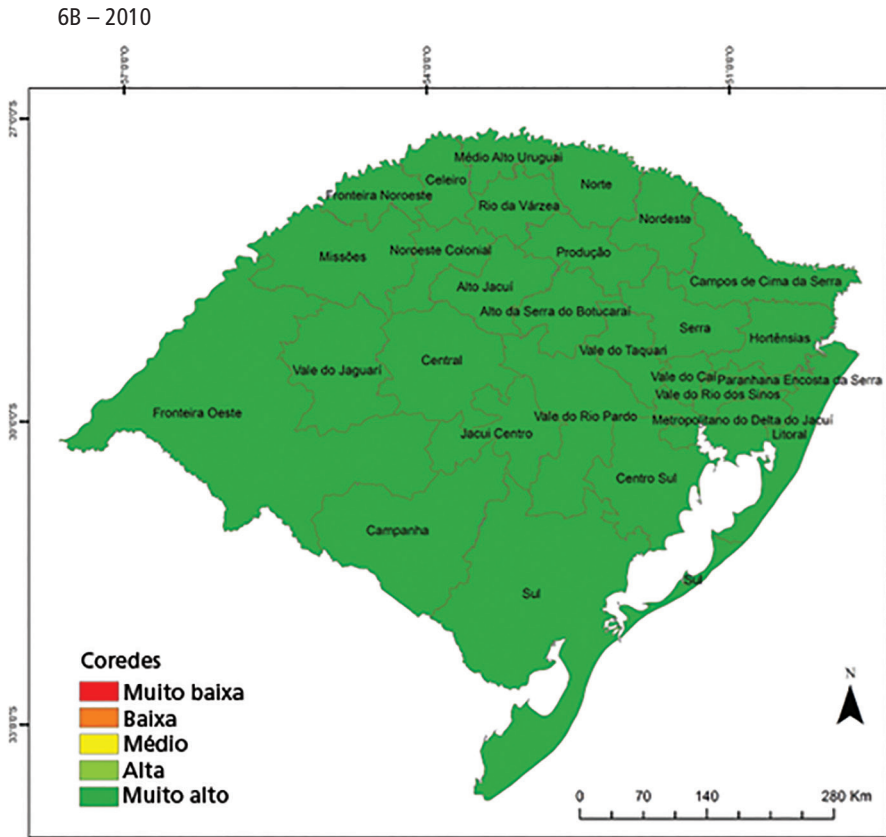
A capital do estado, Porto Alegre, foi o município que apresentou o melhor IDHM em 2000 e em 2010, sendo a única que se encontrava na faixa de muito alto desenvolvimento humano em 2010. Já os municípios com os piores índices foram estes: Vicente Dutra do Corede Médio Alto Uruguai (IVS 2000), Charrua do Corede Norte (IVS 2010), Herveiras do Corede Vale do Rio Pardo (IDHM 2000) e Dom Feliciano do Corede Centro-Sul (IDHM 2010). Este último era o único município que se encontrava na faixa de baixo desenvolvimento humano em 2010.

4.1 IDHM Longevidade

Para a avaliação da longevidade, foi utilizado o IDHM Longevidade, obtido a partir do indicador esperança de vida ao nascer. O do Brasil passou de médio, em 1991, para alto, em 2000, chegando a muito alto em 2010. Já o do Rio Grande do Sul permaneceu muito alto no período 2000-2010. Todos os Coredes apresentavam este índice muito alto em 2010 (mapa 6). Dentre os três subíndices que compõem o IDHM, o IDHM Longevidade é o indicador que apresenta os melhores resultados no estado.

MAPA 6
IDHM Longevidade nos Coredes do Rio Grande do Sul (2000 e 2010)
6A – 2000





Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

O Corede que apresentou a maior evolução no IDHM Longevidade no último período intercensitário foi o do Alto da Serra do Botucaraí, seguido do Corede Campanha (tabela 6). Já o Corede de menor avanço nesse indicador foi o Vale do Caí, seguido do Corede Central.

TABELA 6

Ranking dos Corede em relação à evolução do IDHM Longevidade nos períodos 2000-2010, 2000 e 2010

Corede	Ranking da diferença IDHM Longevidade (2000-2010)	Ranking IDHM Longevidade 2000	IDHM Longevidade 2000	Ranking IDHM Longevidade 2010	IDHM Longevidade 2010
Paranhana-Encosta da Serra	3	14	Muito alto	1	Muito alto
Metropolitano do Delta do Jacuí	17	4	Muito alto	2	Muito alto

(Continua)

(Continuação)

Coredes	Ranking da diferença IDHM Longevidade (2000-2010)	Ranking IDHM Longevidade 2000	IDHM Longevidade 2000	Ranking IDHM Longevidade 2010	IDHM Longevidade 2010
Hortênsias	13	13	Muito alto	3	Muito alto
Vale do Rio dos Sinos	19	6	Muito alto	4	Muito alto
Serra	26	2	Muito alto	5	Muito alto
Noroeste Colonial	23	3	Muito alto	6	Muito alto
Vale do Caí	28	1	Muito alto	7	Muito alto
Jacuí-Centro	20	9	Muito alto	8	Muito alto
Vale do Jaguarí	12	15	Alto	9	Muito alto
Nordeste	8	16	Alto	10	Muito alto
Alto Jacuí	18	12	Muito alto	11	Muito alto
Campanha	2	25	Alto	12	Muito alto
Produção	9	17	Alto	13	Muito alto
Vale do Taquari	22	8	Muito alto	14	Muito alto
Missões	4	21	Alto	15	Muito alto
Litoral	21	10	Muito alto	16	Muito alto
Fronteira Oeste	6	18	Alto	17	Muito alto
Fronteira Noroeste	24	7	Muito alto	18	Muito alto
Central	27	5	Muito alto	19	Muito alto
Sul	7	19	Alto	20	Muito alto
Alto da Serra do Botucaraí	1	28	Alto	21	Muito alto
Norte	25	11	Muito alto	22	Muito alto
Rio da Várzea	11	20	Alto	23	Muito alto
Vale do Rio Pardo	15	22	Alto	24	Muito alto
Campos de Cima da Serra	10	23	Alto	25	Muito alto
Centro-Sul	5	26	Alto	26	Muito alto
Celeiro	14	24	Alto	27	Muito alto
Médio Alto Uruguai	16	27	Alto	28	Muito alto

Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

4.2 IDHM Educação

Quanto à educação, o IDHM Educação considera, em sua composição, estes subíndices: frequência escolar, com peso de dois terços, e escolaridade, com peso de um terço. O IDHM Educação do Brasil, classificado como muito baixo em 1991 e em 2000, passou para médio em 2010. Já o do Rio Grande do Sul passou de baixo para médio no período 2000-2010. Dentre os três subíndices que compõem o IDHM, o da educação é o indicador que apresenta os piores resultados no estado.

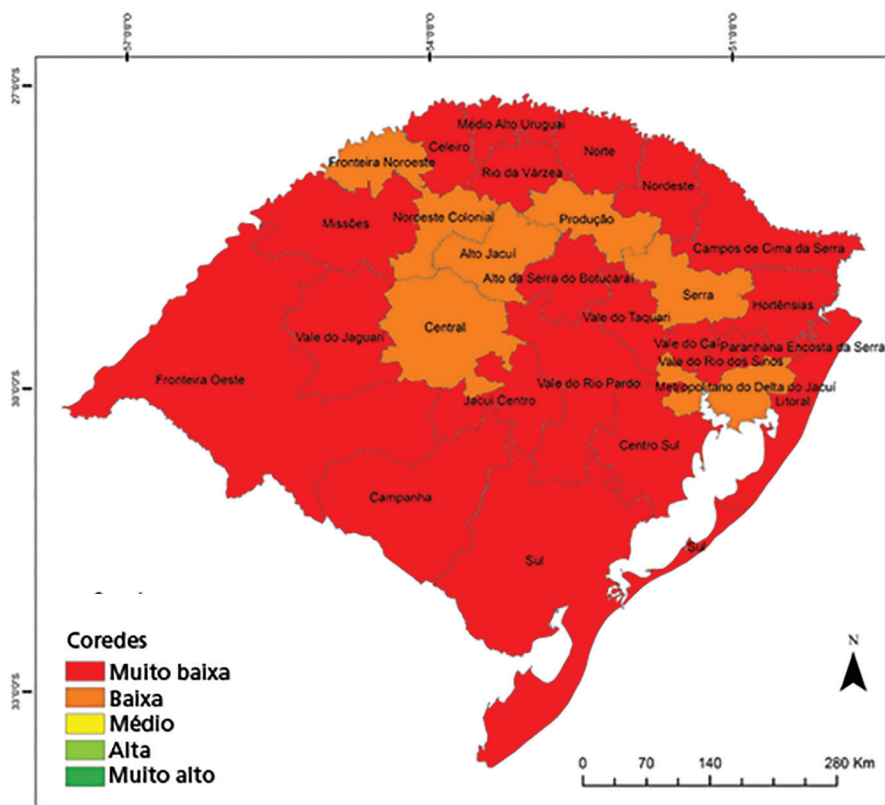
O Rio Grande do Sul classifica-se na sexta posição entre os mais altos IDHMs Educação em 2000, passando para 8ª posição em 2010. A queda ocorreu em consequência do subíndice frequência escolar, em que o estado caiu da 5ª para a 10ª posição, ao mesmo tempo que subiu da 8ª para a 7ª posição entre os demais estados no subíndice escolaridade. A variável que compõe o subíndice frequência escolar, em que o estado apresenta a pior classificação dentre todos os estados brasileiros, é a porcentagem de crianças de 5 e 6 anos na escola. Em relação a essa variável, o estado se classifica na 25ª posição em 2010 dentre as 27 Unidades da Federação brasileira.

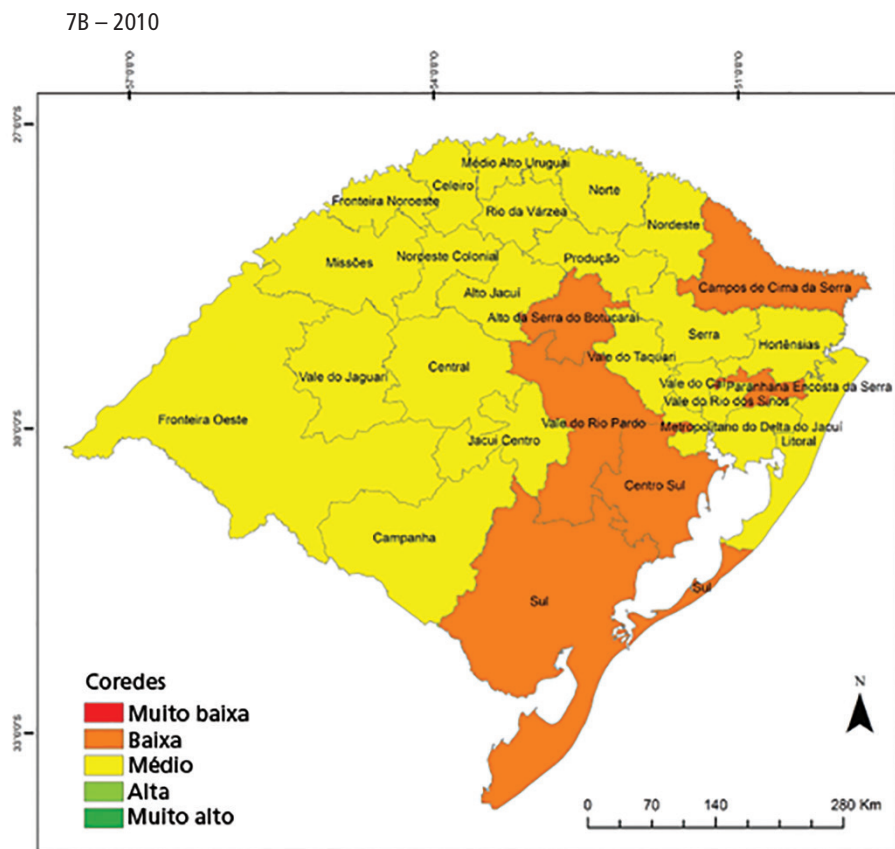
No ano 2000, apenas os Coredes do “cinturão” no entorno do Alto da Serra do Botucaraí, juntamente com os Coredes Metropolitano Delta do Jacuí, Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial, apresentavam baixo IDHM Educação; os demais Coredes classificavam-se em muito baixo (mapa 7). Já em 2010, os Coredes gaúchos classificavam-se em baixo e médio IDHM Educação.

MAPA 7

IDHM Educação nos Coredes do Rio Grande do Sul (2000 e 2010)

7A - 2000





Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

O Corede que apresentou a maior evolução no IDHM Educação no último período intercensitário foi o Rio da Várzea, seguido do Corede Alto da Serra do Botucaraí (tabela 7). Já o Corede de menor avanço nesse indicador foi o Metropolitano Delta do Jacuí, seguido do Corede Campanha.

TABELA 7
Ranking dos Coredes em relação à evolução do IDHM Educação nos períodos 2000-2010, 2000 e 2010

Coredes	Ranking da diferença IDHM Educação (2000-2010)	Ranking IDHM Educação 2000	IDHM Educação 2000	Ranking IDHM Educação 2010	IDHM Educação 2010
Produção	25	1	Baixo	1	Médio
Serra	22	3	Baixo	2	Médio
Noroeste Colonial	9	6	Baixo	3	Médio

(Continua)

(Continuação)

Coredes	Ranking da diferença IDHM Educação (2000-2010)	Ranking IDHM Educação 2000	IDHM Educação 2000	Ranking IDHM Educação 2010	IDHM Educação 2010
Central	23	4	Baixo	4	Médio
Metropolitano do Delta do Jacuí	28	2	Baixo	5	Médio
Fronteira Noroeste	18	7	Baixo	6	Médio
Norte	8	9	Muito baixo	7	Médio
Alto Jacuí	26	5	Baixo	8	Médio
Vale do Taquari	14	8	Muito baixo	9	Médio
Rio da Várzea	1	20	Muito baixo	10	Médio
Missões	11	13	Muito baixo	11	Médio
Hortênsias	7	14	Muito baixo	12	Médio
Vale do Caí	6	17	Muito baixo	13	Médio
Fronteira Oeste	24	10	Muito baixo	14	Médio
Vale do Rio dos Sinos	21	11	Muito baixo	15	Médio
Vale do Jaguarí	17	15	Muito baixo	16	Médio
Nordeste	15	16	Muito baixo	17	Médio
Celeiro	4	22	Muito baixo	18	Médio
Litoral	12	19	Muito baixo	19	Médio
Campanha	27	12	Muito baixo	20	Médio
Jacuí-Centro	19	18	Muito baixo	21	Médio
Médio Alto Uruguai	3	23	Muito baixo	22	Médio
Vale do Rio Pardo	5	24	Muito baixo	23	Baixo
Sul	20	21	Muito baixo	24	Baixo
Alto da Serra do Botucaraí	2	28	Muito baixo	25	Baixo
Campos de Cima da Serra	10	25	Muito baixo	26	Baixo
Paranhana-Encosta da Serra	16	26	Muito baixo	27	Baixo
Centro-Sul	13	27	Muito baixo	28	Baixo

Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

4.3 IDHM Renda

Para analisar o rendimento, o IDHM Renda é calculado a partir do indicador renda *per capita*. O do Brasil classificava-se como médio em 1991 e em 2000, passando para alto em 2010. Já o do Rio Grande do Sul permaneceu com IDHM Renda alto em 2000 e em 2010.

O Corede que apresentou a maior evolução no IDHM Renda no último período intercensitário foi o Celeiro, seguido do Corede Fronteira Noroeste (tabela 8).

Já o Corede de menor avanço nesse indicador foi o Metropolitano Delta do Jacuí, seguido do Corede Fronteira Oeste.

TABELA 8
Ranking dos Coredes em relação à evolução do IDHM Renda nos períodos 2000-2010, 2000 e 2010

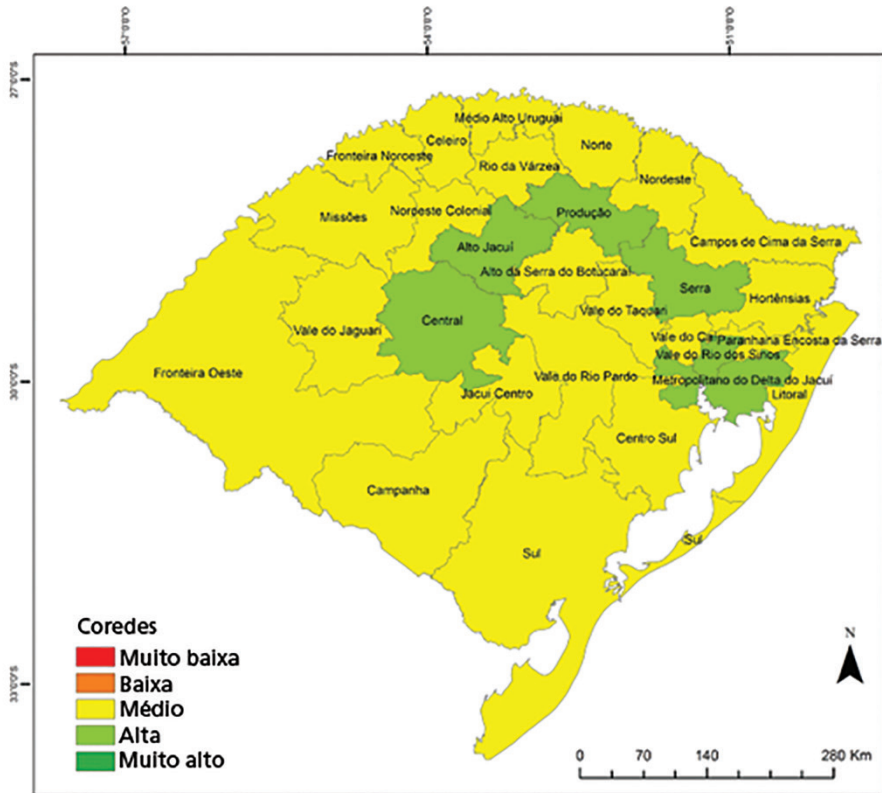
Coredes	Ranking da diferença IDHM Renda (2000-2010)	Ranking IDHM Renda 2000	IDHM Renda 2000	Ranking IDHM Renda 2010	IDHM Renda 2010
Metropolitano do Delta do Jacuí	28	1	Alto	1	Muito alto
Serra	22	2	Alto	2	Muito alto
Produção	16	3	Alto	3	Alto
Central	15	5	Alto	4	Alto
Noroeste Colonial	8	10	Médio	5	Alto
Vale do Taquari	11	9	Médio	6	Alto
Vale do Rio dos Sinos	26	4	Alto	7	Alto
Alto Jacuí	23	6	Alto	8	Alto
Norte	4	16	Médio	9	Alto
Vale do Caí	20	7	Médio	10	Alto
Hortênsias	21	8	Médio	11	Alto
Fronteira Noroeste	2	22	Médio	12	Alto
Litoral	14	12	Médio	13	Alto
Nordeste	7	20	Médio	14	Alto
Sul	18	13	Médio	15	Alto
Paranhana-Encosta da Serra	24	11	Médio	16	Alto
Vale do Rio Pardo	10	18	Médio	17	Alto
Rio da Várzea	5	25	Médio	18	Alto
Campos de Cima da Serra	17	15	Médio	19	Alto
Jacuí-Centro	13	19	Médio	20	Alto
Campanha	25	14	Médio	21	Alto
Missões	9	24	Médio	22	Alto
Vale do Jaguari	12	23	Médio	23	Alto
Alto da Serra do Botucaraí	6	26	Médio	24	Alto
Fronteira Oeste	27	17	Médio	25	Alto
Celeiro	1	28	Médio	26	Alto
Médio Alto Uruguai	3	27	Médio	27	Alto
Centro-Sul	19	21	Médio	28	Alto

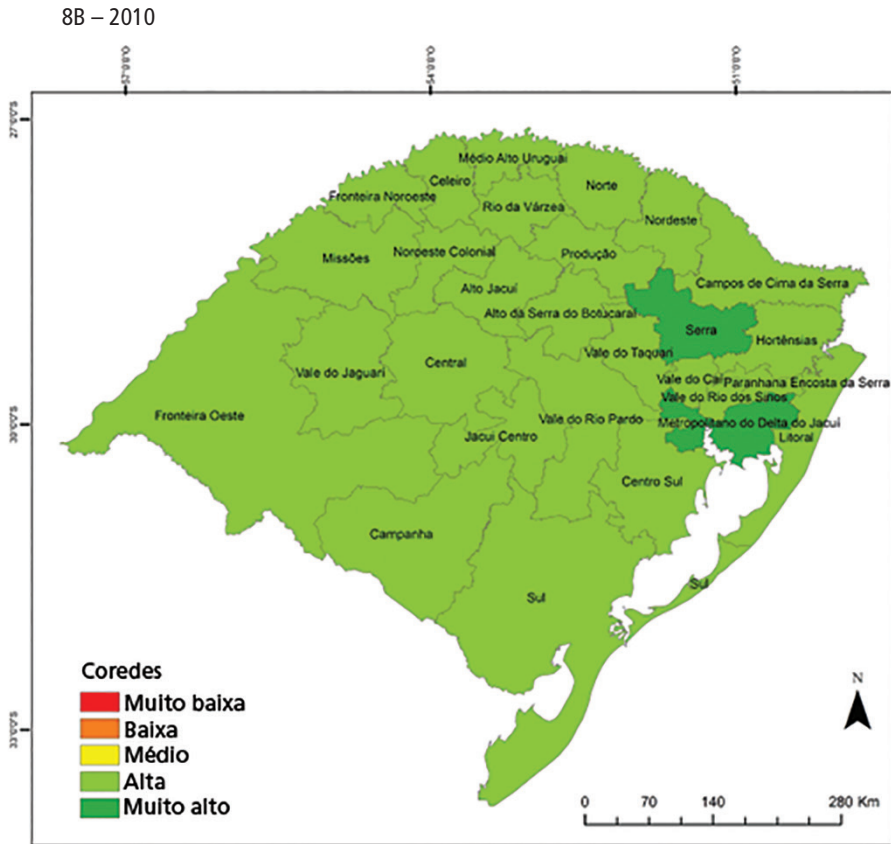
Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

Apenas os Coredes do cinturão no entorno do Alto da Serra do Botucaraí, juntamente com o Corede Metropolitano Delta do Jacuí, apresentavam alto IDHM Renda em 2000, enquanto os demais Coredes apresentavam médio IDHM Renda (mapa 8). Já em 2010, apenas os Coredes Metropolitano Delta do Jacuí e Serra apresentavam muito alto IDHM Renda, ao mesmo tempo que os demais se classificavam em alto IDHM Renda. No Corede Metropolitano Delta do Jacuí, apenas o município de Porto Alegre classificou-se em muito alto IDHM Renda e também no ano 2000 classificava-se nessa mesma faixa.

MAPA 8

IDHM Renda nos Coredes do Rio Grande do Sul (2000 e 2010)
8A – 2000





Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

5 PROSPERIDADE SOCIAL

Uma análise simultânea de desenvolvimento humano junto à vulnerabilidade social nos permite caracterizar a prosperidade social de uma região. Um alto ou muito alto desenvolvimento humano somado a uma baixa ou muito baixa vulnerabilidade social revela um local de muito alta prosperidade social, assim como um baixo ou muito baixo desenvolvimento humano junto a uma alta ou muito alta vulnerabilidade social evidencia um local de muito baixa prosperidade social (figura 1).

Enquanto o Brasil passou de baixa prosperidade social para alta no período 2000-2010, o Rio Grande do Sul evoluiu de média para muito alta prosperidade social. Enquanto 290 dos municípios gaúchos apresentavam muito alta prosperidade social em 2010, sete municípios apresentavam baixa prosperidade social, sendo estes Charrua, do Corede Norte; Dom Feliciano, do Corede Centro-Sul;

Lajeado do Bugre, do Corede Rio da Várzea; Pedras Altas, do Corede Sul; Vicente Dutra, do Corede Médio Alto Uruguai; e Redentora e São Valério do Sul, ambos do Corede Celeiro.

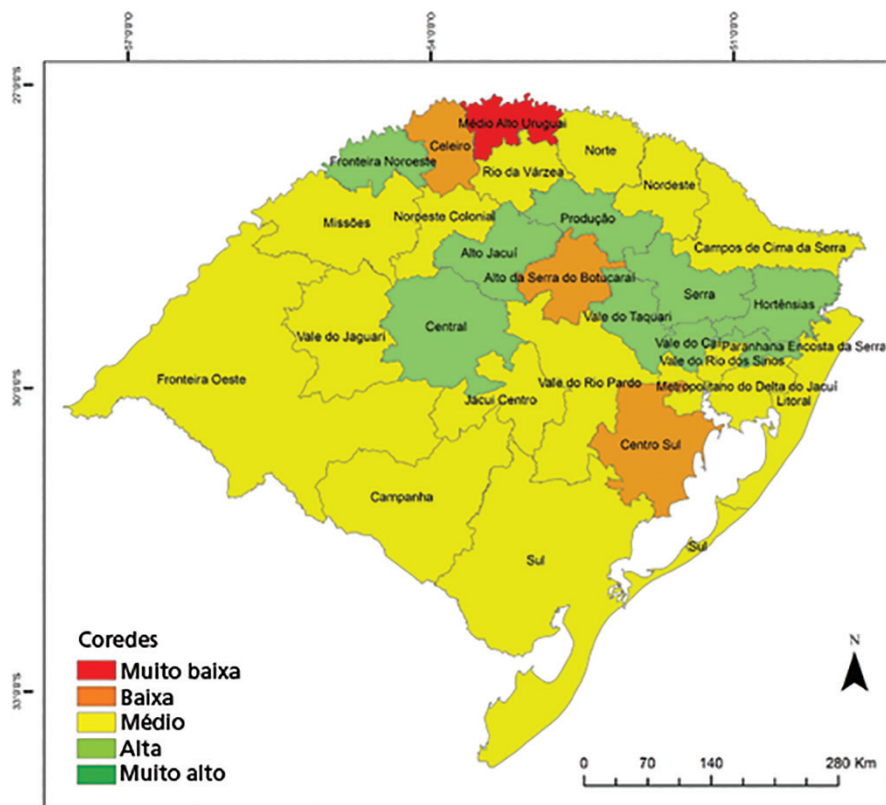
FIGURA 1
Construção das faixas de prosperidade social

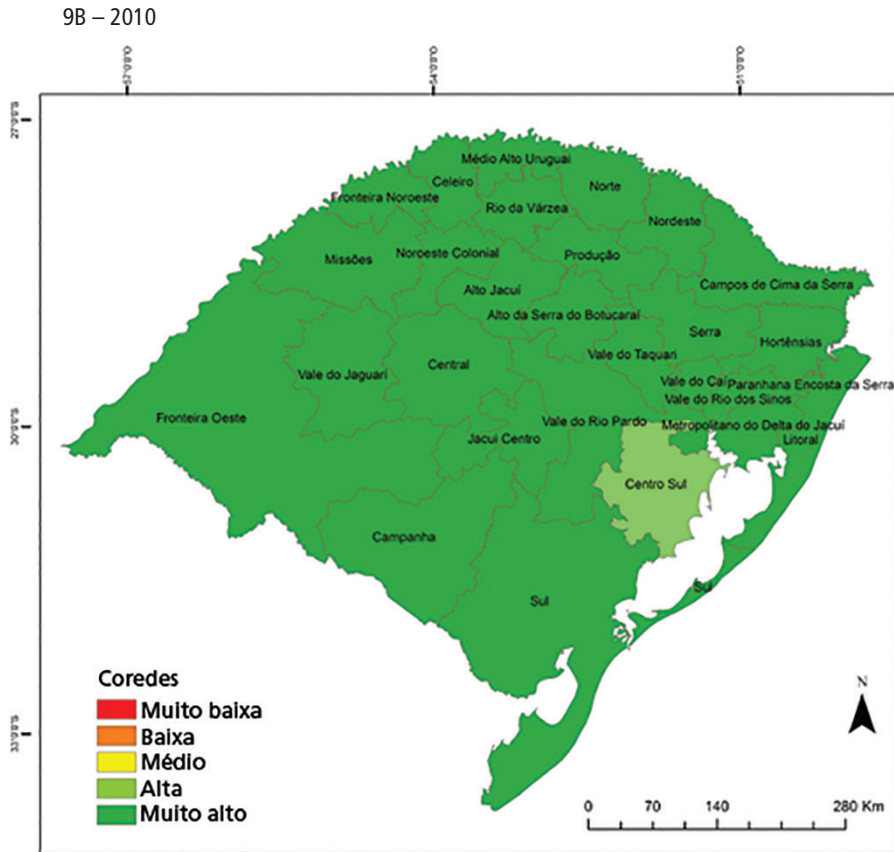
		IDHM		
		Baixo/muito baixo	Médio	Alto/muito alto
IVS	Baixa/muito baixa	Média	Alta	Muito alta
	Média	Baixa	Média	Alta
	Alta/muito alta	Muito baixa	Baixa	Média

Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

Enquanto no início do último período intercensitário nenhum Corede se encontrava no patamar de muito alta prosperidade social, em 2010, ao contrário, todos apresentaram muito alta prosperidade social, à exceção do Corede Centro-Sul, que se encontrava na faixa de alta prosperidade social (mapa 9). Destaca-se a evolução do Corede Médio Alto Uruguai, que passou de muito baixa para muito alta prosperidade social no período. Os Coredes Celeiro, Alto da Serra do Botucará e Centro-Sul passaram da faixa baixa para muito alta prosperidade social na mesma década.

MAPA 9
Prosperidade social nos Coredes do Rio Grande do Sul (2000 e 2010)
9A – 2000





Fonte: Ipea (dados brutos).
Elaboração dos autores.

No Brasil, apenas cinco municípios apresentam a combinação de alto desenvolvimento humano com alta vulnerabilidade social. Engenho Velho, município pertencente ao Corede Rio da Várzea, é um deles. Este município possui um IDHM correspondente a 0,717 (alto desenvolvimento humano) e valores para o IVS correspondentes a 0,411 (alta vulnerabilidade social), caracterizando assim uma média prosperidade social.

6 CONCLUSÕES

Verifica-se que existe, atualmente, um desafio no que se refere à compreensão da dimensão do desenvolvimento social. Contudo, o trabalho desenvolvido por pesquisadores na construção de indicadores, que vão além da simples coleta de dados, possibilitam conhecer a realidade de países, estados, regiões ou municípios, estimulando, por meio do acesso a informações claras, a participação social. Neste

sentido, para possibilitar investigações que se propõem a reconhecer a realidade, torna-se fundamental a alimentação de um sistema de informações, tendo em vista a construção de políticas públicas nas esferas federal, estadual, municipal e do Distrito Federal; o *Atlas da vulnerabilidade social* e o *Atlas do desenvolvimento humano no Brasil*, nesse sentido, são formas concisas de identificar regiões que precisam da intervenção de programas, políticas setoriais e territoriais e ações específicas (Pnud, 2013), bem como suporte para pesquisas de impacto social.

Este trabalho teve o objetivo de apresentar e discutir os resultados dos índices de desenvolvimento humano, vulnerabilidade e prosperidade social inter e intracoredes no período 2000-2010, visando, a partir dos indicadores selecionados, observar a evolução ocorrida nas condições socioeconômicas dos Coredes do Rio Grande do Sul. O IVS Renda e Trabalho foi o principal responsável pela melhora no IVS dos Coredes gaúchos no período. Vale ressaltar também os desempenhos dos Coredes Vale do Taquari e Serra, que lideram como os Coredes de melhores IVS desde 2000. Dentre os três subíndices que compõem o IDHM, o IDHM Longevidade é o indicador que apresenta os melhores resultados e o IDHM Educação tem os piores resultados no estado, com destaque para a variável “porcentagem de crianças de 5 e 6 anos na escola”, que classifica o Rio Grande do Sul na 25ª posição em 2010 entre os demais estados brasileiros. Os Coredes Serra e Metropolitano Delta do Jacuí lideram os maiores IDHMs desde 2000.

Ao mesmo tempo que a totalidade dos Coredes apresentou uma melhora nos indicadores de vulnerabilidade social e desenvolvimento humano no período 2000-2010, foi também constatada uma redução das disparidades entre os indicadores dos Coredes quando os municípios de piores indicadores foram os que apresentaram as maiores melhoras e os municípios mais bem classificados apresentaram as menores melhoras em seus indicadores.

Na maioria dos mapas que apresentam os indicadores de desenvolvimento humano e vulnerabilidade social do ano 2000 por Coredes, é possível observar que os melhores indicadores se encontram em um cinturão em volta do Corede Alto da Serra do Botucaraí. Já em 2010, com a melhora generalizada dos indicadores, não é mais constatada a existência deste cinturão nos mapas do Rio Grande do Sul.

Este estudo se limita a realizar uma análise mais descritiva da evolução dos indicadores de desenvolvimento humano e vulnerabilidade social nos Coredes. Quando comparados os dois índices no mapa dos Coredes gaúchos, nota-se que os Coredes de mais baixa vulnerabilidade social também apresentam os melhores indicadores de desenvolvimento humano, assim como os Coredes de menor desenvolvimento humano são os que apresentam maior vulnerabilidade social. Para trabalhos futuros, é necessário que sejam muito mais exploradas as relações de

causalidade, em termos de impactos sobre o desenvolvimento e a vulnerabilidade dos Coredes do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. S.; MARION FILHO, P. J.; CORONEL, D. A. Análise das desigualdades entre os Coredes no período de 1990 a 2003: origem e evolução. **Perspectiva Econômica**, v. 3, n. 1, p. 62-81, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/t2366618/Downloads/4356-14554-1-SM.pdf>.

BANDEIRA, P. S. Uma experiência de institucionalização de regiões no Brasil: os Coredes do Rio Grande do Sul. *In*: COELHO, L. G. J.; FRIZZO, A. P.; MARCONDES, V. (Orgs.). **PRÓ-RS IV**: propostas estratégicas para o desenvolvimento regional do estado do Rio Grande do Sul (2011-2014). Rio Grande do Sul: Passofrafic, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/3cSkZy>>.

COSTA, M. A.; MARGUTI, B. O. (Eds.). **Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros**. Brasília: Ipea, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/PkFtjG>>.

JARDIM, M. L.; BARCELLOS, T. M. Os movimentos populacionais no Rio Grande do Sul: uma visão inter e intrarregional através dos Coredes. **Ensaio FEE**, v. 26, p. 143-170, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/l7Dk8K>>.

PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal brasileiro**. PINTO, D. G.; COSTA, M. A.; AGUIAR, M. L. (Coords.). Brasília: Pnud Brasil, 2013. (Série Atlas do Desenvolvimento Humano 2013). Disponível em: <<https://goo.gl/KkaZt7>>.

RÖHRIG, G.; CRISTÓFOLI, A. M. (Eds.). Coredes – O que são e como funcionam. *In*: _____. **PRÓ-RS V**: Propostas estratégicas para o desenvolvimento do estado do Rio Grande do Sul (2015-2018). Lajeado: Editora Univates, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Vulnerabilidade Social**. Disponível em: <<https://goo.gl/SiA3iX>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras**. BOLZON, A.; COSTA, M. A.; MARQUES, M. L. A. (Coords.). Brasília: Pnud Brasil, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/GnZQS3>>.